

## ASPECTOS ESTRUTURAIS DE "O ENCONTRO MARCADO"

Neusa Pinsard Caccese

O ENCONTRO MARCADO(\*), de Fernando Sabino, é a história de um encontro, ou melhor, de uma busca, de uma procura.

Encontro marcado? Sim, mas não no sentido em que poderíamos, à primeira vista, supor. Não se trata de uma simples promessa entre colegas de se reverem num lugar qualquer, num dia qualquer. Na verdade, existe tal compromisso no livro, fixado por três garotos, quando se despedem do ginásio, para daí a vinte anos (" — Vinte, não: quinze — objetou Eduardo: — Vou morrer antes disso." — p. 47).

Mas não é desse compromisso que fala o romance, pois seu valor é apenas simbólico. Mais importante é o encontro que Eduardo Marciano marca consigo mesmo — e com Deus.

A evolução psicológica de Eduardo passa, como é natural, por diversas fases. E, em função disso, é importante notar a divisão do romance proposta pelo Autor.

Em primeiro lugar, a obra comporta uma grande divisão em duas partes, que marcam dois momentos decisivos, e no entanto bem distintos, da evolução da personagem principal: um primeiro momento de formação, em Belo Horizonte, sua cidade natal; um segundo momento de **afirmação**, no Rio de Janeiro, cidade para onde se muda, ao casar-se. Em cada um deles, distinguimos três outras subdivisões, correspondentes às etapas do desenvolvimento psicológico de Eduardo.

Não só as divisões são importantes em si, porque nos orientam nessas diferentes fases de evolução do protagonista,

---

(\*) 5.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1960.

como também os títulos e subtítulos sugestivos e intencionais indicam os elementos essenciais de cada uma delas.

Eduardo foi uma criança precoce. De inteligência viva e aguçada, muita dor de cabeça causou aos pais e à professora. No ginásio, distingue-se dos colegas por um desejo de afirmação pessoal, de sinceridade para consigo mesmo, e com os outros. Diz tudo o que pensa e sente, mesmo quando se arrisca a conseqüências mais graves, como ser expulso do colégio. Monsenhor Tavares define, em poucas palavras, o Eduardo dessa época: "Você é atrevido, orgulhoso, indócil, malcriado" . . . "sei que você é persistente, ambicioso, consegue o que quer". (p. 39-40). Não teme fazer perguntas impertinentes — quer sempre as soluções para todos os problemas. Daí as indagações ao Monsenhor sobre Judas, e seu papel na crucificação de Cristo e na salvação do mundo. Daí também sua angústia quando, sozinho, tem que decidir-se a responder honestamente ao padre: "Você acredita em Deus? Não sabia porque, sentia que deveria decidir-se, era uma pergunta que ficara sem resposta, queria sempre poder responder a tudo, estar pronto a ser interrogado". (p. 43).

Precoce também foi sua iniciação literária: menino ainda, já se dirige aos bons livros da literatura universal e brasileira. Essa fase de formação da criança, que nos oferece já as indicações do adulto, é o **Ponto de Partida**.

Eduardo ingressa na Faculdade, começa a trabalhar no jornal, firma amizade com Mauro e Hugo que, daí em diante, serão seus amigos inseparáveis.

Essa amizade é tão importante, que não podemos isolar Eduardo dos companheiros. Os três anseiam por uma total libertação dos instintos, procuram afirmar sua liberdade por atos loucos e inesperados, não porém, impensados ou sem finalidade, pois cada aventura serve para caracterizar essa espontaneidade de viver (cf. episódio do esqueleto, p. 57; a brincadeira imprudente de subir no Viaduto, p. 60; a instauração do Regime do Terror, as bebedeiras frequentes).

É o desejo de originalidade, de ser "diferente". Enveredam pela literatura, como se a quisessem absorver tôda de uma só vez. E literatura, para êles, não é apenas um meio de obter cultura, mas se traduz numa identificação pessoal com as obras lidas. Basta ver que, nessa fase, falam por versos, discutem vivamente os problemas que se põem nas obras lite-

rárias: "Encharcados de literatura, pelas ruas da cidade." (p. 60).

Continuam a ser precoces. Aliás, essa é uma característica que sempre acompanhará Eduardo, que lhe dará muitos motivos para crises e dramas profundos. Naturalmente, as crises têm um cunho pessoal — outros companheiros de Eduardo não as experimentaram. Mas são também o resultado dessa educação, dessa formação, das leituras que realizou, dos momentos que viveu — e que sempre viveu intensamente.:

"Tinham de viver em cada momento uma síntese de toda a existência"... (p. 74). "Vivo em mim a humanidade inteira!" (p. 62).

As características dessa fase são, portanto, a identificação íntima dos três amigos e a ânsia de viver: é **A Geração Espontânea**.

Eduardo foi campeão de natação. Ao tentar, anos mais tarde, concorrer num campeonato, não consegue vencer. Resolve, então, obstinadamente, obter uma nova marca oficial, que o reabilite diante dos outros e de si mesmo.

Consegue a vitória, mas à custa de muito sacrifício. É então que, pela primeira vez, Eduardo tem consciência do problema que o aprisiona. A vida será sempre, para êle, um campeonato de natação, em que empenha todo seu vigor, toda a energia, toda a esperança, na busca de algo que acredita ser, no momento, a solução de vida, para depois verificar que, afinal, nada daquilo tinha, realmente, importância:

"Era como se êle, apenas êle excedendo a si mesmo, num movimento brusco, saltasse fora da engrenagem e, desgovernado, pudesse ver de longe o mundo pacífico e feliz de que não sabia participar". (p. 137).

Na segunda parte do livro, Eduardo e Antonieta, casados, vivem no Rio. É uma outra etapa que se inicia. Separa-se Eduardo dos companheiros, para integrar-se numa nova roda de amigos. Em sua característica ânsia de viver, adapta-se furiosamente ao novo tipo de vida — desregrada, sem finalidade. A única amizade proveitosa é a do velho Germano, que lhe abre caminhos novos para a compreensão do mundo e de si mesmo.

Pela primeira vez, constata, na freqüente revisão de vida, que tem o hábito de fazer, um saldo a seu favor (cf. p. 192).

Mas não, a vida não é tão fácil assim. É quando surge Gerlane, que compromete sua felicidade conjugal e até mesmo sua inspiração literária. Afasta-se cada vez mais de Antonieta — nada mais possuem em comum, que os identifique e una. Eduardo empenha-se, ansiosamente, na conquista da môça por quem se apaixonara — embora reconheça ser essa uma paixão efêmera.

Nêsse capítulo de sua vida, Eduardo tem conhecimento da morte de um antigo companheiro de natação, Rodrigo, que morre afogado. Sofre pesadelos terríveis, uma angústia constante. Evidentemente o episódio é simbólico. Na realidade, **O Afogado** é Eduardo, que se debate cegamente, nas ondas da vida, sem conseguir alcançar a praia firme. Os pesadelos que tem provam claramente essa afirmação.

“Dera para sonhar com natação, via-se empenhado em competições difíceis mas nadando sem parar, numa água grossa, pesada, viscosa como melado, que lhe impedia os movimentos — ou então a piscina ia-se esvaziando à medida que nadava, acabava se debatendo em sêco, ferindo as unhas no cimento do fundo” (p. 210).

Eduardo nada nessa “água grossa” que é a vida, que lhe nega uma solução satisfatória aos seus anseios de felicidade e realização. A imagem pode variar — pode ser simbolizada por um poço negro e fundo, que o atraia para suas profundezas —, o significado é um só (cf. p. 179).

Nessa apresentação de Eduardo, muitos pontos importantes para o traçado da evolução de seu comportamento moral e psicológico não foram considerados, porque procuramos fixar apenas aquelas características que encontram uma correspondência mais íntima com a estrutura do livro.

Ao constatarmos que Eduardo se caracteriza por uma busca constante e intuitiva de um valor permanente, de algo que lhe sirva de motivo e sustentáculo, não para um momento passageiro, mas para tôda a vida, nesse momento reconhecemos que a estrutura mesmo do livro acompanha essa procura.

**O ENCONTRO MARCADO** é um romance de personagem. Antes de tudo, o que nos interessa — não só do ponto de vista humano, mas do ponto de vista estético —, é Eduardo Marciano e sua geração, seus problemas, seus conflitos, o choque de suas personalidades com a de outras personagens. Basta ver que a evolução do próprio romance segue, passo a passo, a

evolução do protagonista, que encarna a problemática de toda uma geração.

Assim sendo, nos perguntamos quais os problemas técnicos que o Romancista enfrentou ao compor a obra. Como é que Fernando Sabino nos apresenta, tecnicamente, a evolução da personagem central?

O ENCONTRO MARCADO, romance psicológico, é narrado por uma pessoa que vê, de fora, os acontecimentos passados com o protagonista. É, portanto, narrado em terceira pessoa, mas não apresenta a objetividade que seria de se esperar. Isso acontece porque, graças a uma técnica originalíssima do Autor, narrador e protagonista se confundem: fatos e conceitos apresentados por uma suposta terceira pessoa e pensamentos e conflitos de Eduardo se identificam, se misturam num todo uniforme e de efeito sugestivo.

E essa é uma das grandes forças do romance, e não uma limitação como poderíamos supor. Estamos diante de uma obra narrada, ao mesmo tempo, em primeira e em terceira pessoa; dois ângulos de visão, fundidos hábilmente, nos dão a perspectiva de Eduardo Marciano, somada à de seus companheiros — uma perspectiva una, resultante de um desdobramento: o do protagonista e de sua geração.

A narração dos acontecimentos, a ação do romance é, na verdade, feita em terceira pessoa. O narrador se refere a Eduardo pelo nome, pelo pronome *êle*, ou por outros substantivos quaisquer, colocando o verbo na terceira pessoa. Os diálogos com colegas e amigos, com o pai, a mãe também são apresentados classicamente, pelo travessão. Os exemplos dêsse processo se repetem infinitamente pelo livro.

Quando se trata, porém, do debate de um problema no seu íntimo, de uma reflexão interior, essa distância entre narrador e protagonista desaparece:

“Sentia vagamente que se tornara instrumento de designios outros, poderosos, desconhecidos — já não era dono de si mesmo, (...) Conheceria novas pessoas, pensaria outras coisas, ouviria em silêncio prudente e compassivo opiniões alheias que um dia já foram suas. E está certo! Não se pode fazer das dúvidas de outrora o pão nosso de cada dia: não posso responsabilizar ninguém pelo destino que me dei. Sôzinho no mundo com uma mulher. O que significa isso? Significa que terei de amá-la”... (p. 146-147).

Com o tratamento impessoal misturam-se reflexões pessoais, em primeira pessoa, sem transição alguma, num mesmo parágrafo, numa sucessão de pensamentos semelhantes, numa evocação única:

“Agora não está chorando. Tem os olhos secos e olha para baixo. Se algum dia tiver de suicidar faço um estrago louco...” (p. 249).

Nesses momentos de intimidade do leitor com o protagonista, há também intimidade entre a personagem e o narrador que, onisciente, nada desconhece dos mais secretos pensamentos do rapaz. Essa relação íntima pode ser verificada, principalmente, nos momentos de crise do protagonista, em que o Autor utiliza, sistematicamente, a associação de idéias como recurso expressivo, para intensificar a dramaticidade da cena.

Um dos elementos fundamentais para a estrutura do romance são as repetições de frases e pensamentos da personagem central ou de outra personagem qualquer, nesses verdadeiros monólogos interiores, que são as crises de Eduardo:

“Calma. Não olhe. Não mexa, Não queira. Não estou dormindo, estou vigilante, hay que vigilar las tinieblas, capisca? ai, Minas Gerais! já ter saído de lá, tuas sombras, teus noturnos, teus bêbados pelas ruas, Eduardo Marciano”... (p. 148).

É uma revisão dos elementos essenciais de sua vida (cf. p. 147), que lhe vêm à memória, confusamente, desordenadamente, não obedecendo a nenhum princípio lógico, e apenas a uma misteriosa seleção interior, em que o subconsciente desempenha papel preponderante. Se isso ocorresse uma ou duas vezes, o fato mereceria uma simples referência; mas é a presença sistemática do processo que atrai a atenção do leitor, que lhe vai atribuindo significado mais profundo, à medida que o reconhece no decorrer do romance.

Essas reminiscências que a memória do jovem fixa para trazer à tona num momento de conflito íntimo nos permitem afirmar que êsses conceitos e frases, ouvidos e formulados anteriormente, foram, pouco a pouco, fixando-se no espírito de Eduardo, mas de maneira anônima, inconsciente, que se revela, bruscamente, nos momentos de crise, por êsse processo de associação de idéias já analisado.

É quando as frases pronunciadas, os conselhos dados revivem — sejam lembranças da infância ou da adolescência —,

permitindo a Eduardo fazer a auto-análise e revisão de vida que o caracterizam e tomar as decisões para uma nova etapa que se abre, continuamente, à sua frente.

Sim, continuamente :

“Mais uma época ali se encerrava? Acaso não vivia sempre encerrando épocas e inaugurando outras?” (p. 174).

Desde a infância, como é natural, Eduardo busca afirmar-se na vida, busca um valor que guie e conduza sua existência. Essa busca se traduz nas várias tentativas, frustradas todas elas, de realização pessoal.

Já vim o que as divisões em capítulos obedecem às várias tentativas de afirmação de Eduardo, o próprio título de cada um sugerindo o princípio que o norteia em cada fase da vida.

Se essas tentativas inseguras, mas constantes, se mostram falhas e insuficientes, isso não quer dizer que o caso de Eduardo seja perdido, que não tenha salvação, como êle próprio afirma várias vezes :

«Estou sozinho, não há salvação”. (p. 175); “era inútil” vivia sempre recomeçando, não nascera para vencer”... (p. 201).

Muito ao contrário: continuamente vamos percebendo sinais que nos permitem intuir a solução de seu caso :

“Mas ainda haveria de se salvar.  
Como?” (p. 179).

Se as outras tentativas falharam é que eram desnorteadas, visavam sempre a uma finalidade errada, que não satisfazia o anseio de Eduardo :

“Onde estivesse aquilo que buscava, e o que quer que fôsse, o certo é que tomara o caminho mais longo”. (p. 209).

Buscava sempre um valor essencial que o guiasse na vida, naquilo que não possuía tal valor — no efêmero e passageiro. Eduardo desperdiça, sempre, suas forças num alvo mal visado.

As indicações para a solução remontam ao tempo do ginásio: “Você acredita em Deus? (p. 40). Mas Eduardo é ainda uma criança e a discussão com Monsenhor Tavares fica somente como um substrato, que será aproveitado mais tarde. Na ocasião é infrutífero.

Num dos momentos em que, desorientado, Eduardo entra numa igreja, não consegue identificar-se com a missa que esta-

va sendo rezada (“e não lhe dizia nada” — p. 167). O sacrifício que se realiza no altar; por todos os homens, e por Eduardo Marciano também — ainda não consegue tocar de perto essa ovelha desgarrada do rebanho. Sua alma não está preparada para receber a Graça.

Mais tarde, quando Vítor comunica a Eduardo o milagre que se realizou com êle, abre-se mais um caminho diante do rapaz, ainda mais que, nesse momento, o amigo lhe salva a vida, estando Eduardo na iminência de suicidar-se. Ao morrer Vítor, êle reconhece o sobrenatural atuando em sua vida:

“Vítor morreu para que êle vivesse. Na noite de Natal! Para que Cristo nascesse. Mas isso já era uma idéia sem sentido.” (p. 253).

“Sem sentido” não, absolutamente. É plenamente significativa: “Para que Cristo nascesse”, em seu coração. Do mesmo modo como, na Noite de Natal, renasce Aquêlê que é o Salvador do mundo, assim também Vítor, morrendo, permite que Cristo nasça em Eduardo, salvando-o também.

Finalmente, como último indício, a provação por que passou ao sacrificar o filho que ia ter da vizinha — êsse é o último episódio, e o mais significativo, na conversão de Eduardo:

“Se era preciso errar primeiro, escorregar, cair, para depois entregar-se às mãos de Deus, matéria de salvação, aproveitasse! aí estava a ocasião de queda: êsse era o problema a enfrentar. Estarrecido como senão só a sua sorte, mas a do mundo inteiro dependesse daquele passo. A salvação do mundo só poderia vir de Cristo... Era como se o objetivo de sua vida fôsse êsse, tudo o que fizera até então, desde o nascimento, o trouxera por caminhos confusos, até a última prova, o teste definitivo da sua natureza de homem”.(p. 275),

O tormento, a agonia que o envolve nos momentos de indecisão, o drama que se debate em seu espírito, sem saber qual a solução a tomar no caso — nada é inútil, tudo tem um sentido porque lhe indica o verdadeiro significado de sua vida.

Com a ajuda de Frei Domingos, um dos instrumentos da Graça na conversão de Eduardo, êle consegue encontrar a salvação, o princípio norteador de sua vida:

“Pela última vez: você acredita em Deus?”, se pergunta; “acredito”. (p. 283).

Nesse momento, o romance chega ao fim: o encontro final de Eduardo com a estranha figura que passa pelo livro revela-

se em seu valor simbólico. Esse homem aparece por duas vezes (cf. p. 197 e 281), sempre por ocasião de uma das crises do rapaz. Na última aparição, Eduardo está no bar, irresoluto ainda, envolvido por uma solidão pesada “impenetrável como um enigma prestes a ser decifrado —” (p. 280). A misteriosa personagem comunica-lhe, então, que um sujeito está escrevendo um romance sobre êle.

Nesse momento, tendo consciência de seus problemas e antevendo a solução de todos êles, Eduardo se decide e contrapõe: “Diga ao tal sujeito que o romance dêle acabou.” (p. 282).

O romance existia enquanto existiam os problemas do protagonista, solucionados êstes, o livro também está terminado.

“Eu vou começar”, diz Eduardo, mas agora é de uma vez por tôdas, definitivamente: é uma longa **Viagem** que tem pela frente, uma viagem decisiva. O enigma foi, afinal, decifrado.

“Naquele mesmo dia arrumou as coisas na mala, pagou a conta e deixou o hotel. Sentia-se mesmo como na iminência de uma longa viagem — tomou um táxi para o centro. Diante da ladeira de pedras já familiares se deteve, respirou fundo: eu podia subir de joelhos esta aqui mesmo, pensou, e sorriu. Avistou, à porta do convento, a figura do monge que, já avisado, o esperava, acenando para êle. De súbito uma lembrança perdida lhe veio da infância e começou a rir”.

“— Tínhamos um encontro — explicou”. (p. 287).

O compromisso assumido por três garotos, há tantos anos passados, se concretiza, afinal, como também o compromisso assumido por Eduardo consigo mesmo — e com Deus. A busca, a procura desesperada encontra, neste momento, um ponto final.

Alguém poderia contestar: não é essa a solução última para Eduardo. É apenas mais uma tentativa, como tantas outras, intentadas pelo protagonista. Depois sua busca continuará.

Mas não é sem razão que as duas divisões essenciais do livro têm por título **A Procura** e **O Encontro**. O Romancista assim procedeu levado por razões técnicas — se as várias tentativas de Eduardo foram **A Procura**, a salvação alcançada é **O Encontro**, não o encontro físico, material, como dissemos, mas o encontro mais profundo, sobrenatural, com a Verdade, com o Princípio de tôdas as coisas, encontro que dará, afinal, um sentido à vida de Eduardo. Pela primeira vez, sua atenção

está fixada em algo que vale, realmente, a pena: é o verdadeiro encontro. É O ENCONTRO MARCADO que se concretiza.

Parece que nos demoramos demasiadamente na análise da personagem principal, em detrimento dos outros elementos materiais do romance. É que, como dissemos, a personagem criada por Fernando Sabino é absorvente. Esse interesse encontra também uma justificativa, se, como dissemos, O ENCONTRO MARCADO é um romance de personagem: os outros elementos convergem todos para o protagonista e surgem na medida em que são necessários para caracterizá-lo.

Assim, notamos que o ENCONTRO MARCADO se caracteriza, antes de mais nada, pela atmosfera, pela ambiência, mais que isso, pelo clima de angústia, tormento, tensão, que envolve Eduardo e o acompanha aonde quer que vá

Há uma ausência completa de descrições no romance, seja de paisagem ou ambiente social. Naturalmente, o leitor sabe que a ação se passa em Minas e no Rio, mas não há uma única apresentação pormenorizada do apartamento de Eduardo, ou dos bares característicos, que são o ponto de encontro dos amigos. E que ocasião mais propícia para uma pintura do ambiente do que um campeonato de natação: o clube, com seus aspectos pitorescos, o público? Mas não. O máximo que encontramos é uma referência ao clima de expectativa que envolve a personagem (p. 35). É tudo. O ambiente se anula diante das sensações pessoais do protagonista.

Interpretamos esta característica como um recurso estilístico do Autor para dar a impressão de que Eduardo flutua no ambiente em que vive, dissociado d'êle, sem poder fixar-se, porque aí não encontra os elementos essenciais que busca. E como Eduardo anda à procura de um mundo que lhe escapa, assim também a configuração precisa do ambiente foge ao leitor.

Do mesmo modo, o tratamento dado pelo Romancista ao tempo poderia parecer, à primeira vista, muito simplista: a ação se desenvolve linearmente, num tempo cronológico usual; fatos da vida do protagonista são apresentados em sua seqüência normal, sem retrocessos ou antecipações.

É bem verdade que o leitor fica um pouco perdido no romance. A ação se desenvolve linearmente, mas sem que o Autor forneça, com precisão, os dados temporais. As raras expressões de tempo empregadas pelo Romancista surgem no livro sem um ponto anterior de referência.

Mais uma vez constatamos que o Escritor não quer dar, com precisão, a situação do protagonista: seja ela espacial ou temporal. É que tudo isso pouco importa para o caso de Eduardo: “sòzinho no mundo, isolado, incomunicável, fora do tempo”... (p. 198).

Não que esteja deslocado ou alienado no tempo. Ao contrário, tem consciência do tempo e luta contra êle na sua procura desesperada de afirmação, de realização pessoal:

“Mal podia sentir o gôsto das novas experiências, já não eram novas, ficavam logo para trás, o passado, êle que não podia parar um pouco descansar, não dar mais um passo?” (p. 147).

O fundamental nesta conceituação do tempo é a noção do instante existencial. Para Eduardo Marciano importa a consciência do momento vivido; cada experiência nova se incorpora à sua realidade, e, ao mesmo tempo, constitui um passo em direção à concretização de sua procura — no caminho que o leva a Deus.

Tênicamente, o tempo se manifesta em O ENCONTRO MARCADO nas digressões, associações de idéias reminiscências freqüentes, que verificamos em Eduardo. Experiências que acreditamos ultrapassadas, acontecimentos, que tiveram lugar há muito tempo, voltam, repentinamente, com insistência, a ocupar o espírito da personagem.

Como já tivemos ocasião de acentuar no estudo da personagem principal, êsse procedimento aparece, sistematicamente, no romance e tem importância fundamental. Apresentar novos exemplos dêsse recurso alongaria muito a análise. Mas, por ser o exemplo mais característico, transcrevemos trecho do balanço que faz Eduardo de sua vida, no final da primeira parte. Tudo aquilo que agora, desordenadamente. Frases pronunciadas pelos companheiros, conselhos formulados por Toledo, idéias discutidas por Eduardo se atropelam umas às outras, numa revisão final da primeira etapa de uma existência:

“Você não soube escolher — lhe dissera Toledo: foi escolhido. Escolhido por quem? Para quê? Designios de Deus? já nem sabia em que acreditava, não tinha tempo para pensar. Você vive muito depressa — o pai tinha razão, era isso, depressa demais.” (p. 147).

As experiências passadas continuam atuantes em Eduardo. É a luta contra a fuga do tempo, que se torna um elemento

caracterizador da personagem. Tôda a página mencionada acima oferece exemplos, que comprovam essa afirmação.

Já ressaltamos, por duas vêzes, a importância desses monólogos interiores para a caracterização do protagonista, em que a própria sintaxe, a própria construção do período exprime a confusão íntima de Eduardo, graças à força do estilo de Fernando Sabino.

O romance é constituído, em sua maior parte, por diálogos, cuja característica principal é a naturalidade, a espontaneidade. Mas literatura é arte, é artifício — não naturalidade. Sim; na verdade reconhecemos nesses diálogos, que caracterizamos de espontâneos, a mão do Artista, que trabalha cada frase, cada pensamento, justamente para dar essa impressão ao leitor. Os termos comuns, os “erros” de gramática são intencionais, e revelam o esforço de um estilista, que conhece seu ofício.

Ao lado dos diálogos que se apresentam da maneira clássica, usual, destacamos ainda outro recurso curioso do estilo dêste romance: frases soltas, que se sucedem sem uma seqüência lógica, sem formar um diálogo onde possamos reconhecer os interlocutores (cf. p. 59, 216 e 283).

É extraordinário o senso do estilo que possui Fernando Sabino — Eduardo Marciano é, antes de mais nada, uma construção estilística: monólogos, diálogos, tudo constitui um elemento de definição da personagem central.

Como conclusão, podemos afirmar que o O ENCONTRO MARCADO é um romance psicológico, em que os elementos materiais se unem funcionalmente, para construir a personagem central.

O ambiente, apresentado em termos impressionistas, tem que ser recriado pelo leitor, em função dos sentimentos experimentados pelas personagens. O tempo, revestindo-se de um caráter cíclico, em que experiências passadas voltam a atuar no protagonista, tem, ao mesmo tempo, um valor profundo como instante vivido, conscientemente, em termos de realidade existencial. A ação se concretiza como uma procura de afirmação e realização pessoal para Eduardo Marciano e seus companheiros. Portanto, ambiente, tempo, ação existem na medida em que definem a evolução do comportamento moral e psi-

cológico do protagonista, entendido como símbolo de sua geração —, tudo isso coroado pelo papel significativo do estilo de Fernando Sabino.

A história de Eduardo Marciano, seu drama íntimo, o choque terrível com o mundo que o cerca e que lhe nega, a cada passo, a solução de vida que procurava, a busca de um valor essencial que norteia sua existência e lhe dê sentido, e o encontro final, definitivo com a Verdade e a Vida, tudo isso é construído, pouco a pouco, pelo Romancista, ciente de sua arte, — através da inexistência de um ambiente físico e de um tempo definido, que possam desviar a atenção do leitor; através de um clima opressivo, angustiante e de um tempo interior significativo, que acentuam a sensação do irremediável; através da ação, que nada mais é do que o elemento definidor dessa busca incansável — ação e busca se identificando na caracterização da personagem — e, finalmente, através do estilo, que oferece as mais amplas sugestões ao leitor na compreensão de Eduardo Marciano, personagem que tanto nos atrai e apaixona.